



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9327 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

A Campanha #MuseusPelaVida: cartografia online e sugestões para uma Educação Museal Online ciberativista

Frieda Maria Marti - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Felipe da Silva Ponte de Carvalho - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A Campanha #MuseusPelaVida: cartografia online e sugestões para uma Educação Museal Online ciberativista

Resumo:

Diante do agravamento da pandemia no Brasil em 2021 e da proliferação de *fake news*, discursos negacionistas e ideológicos contra a vacinação e as medidas de prevenção da doença, o comitê brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM BR), lançou a campanha *online* #MuseusPelaVida. Para tal, disponibilizou em sua página um guia com recomendações de modos de abordagem sobre o tema, indicação de conteúdos e as logomarcas da campanha. Com base no guia, o presente estudo tem como objetivo compreender de que modo as recomendações para a campanha #MuseusPelaVida vêm sendo operacionalizadas nas redes pelos museus. Optamos pelos estudos pós-estruturalistas e a cartografia *online* para pensar-produzir esta pesquisa. Ao cartografarmos as ações *online*, notamos que há entre elas aproximações, distanciamentos, potencialidades, despontualidades e desdobramentos na sociedade. Compreendendo os museus como redes educativas e espaços multirreferenciais de aprendizagem sugerimos que as futuras ações *online* da campanha #MuseusPelaVida ultrapassem o modelo comunicacional massivo e lancem mão das premissas da Educação Museal Online e de seus indicadores a fim de gerar a participação ativa dos usuários por meio de conversações que fomentem a colaboração e a (co)autoria entre os museus e seus públicos, ampliando, desta forma, o alcance social e a democratização dessas instituições.

Palavras-chaves: pandemia; ICOM BR #MuseusPelaVida; educação museal online; ciberativismo; cartografia online.

Resumo expandido

A pandemia de COVID-19 vem afetando os campos econômicos, políticos, sociais e culturais, causando expressivas mudanças em nossas vidas. A necessidade de distanciamento físico, causou o fechamento de museus e a suspensão de suas atividades geograficamente localizadas, impulsionando o aumento de ações museais *online* desenvolvidas remotamente por seus profissionais (CECA BR e REM BR, 2020; IBERMUSEUS, 2020; ICOM, 2020;

MÖRSCH e GRAHAM, 2020; UNESCO, 2020).

No Brasil, em seu segundo ano, a pandemia se agravou consideravelmente, provocando, até maio de 2021, a morte de mais de 450 mil brasileiros. Acreditamos que as dificuldades produzidas pela má gestão nacional da pandemia são parte de uma necropolítica que vem sendo executada a todo vapor, constituindo “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2016, p. 146). A proliferação de *fake news*, os discursos negacionistas, ideológicos e de ódio contra a vacinação e contra as medidas de prevenção da doença são algumas das formas de operacionalização dessa necropolítica.

Diante deste contexto, o comitê brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM), lançou a campanha online #MuseusPelaVida para mobilizar, junto aos museus brasileiros, ações para a dilatação da vida.

Os museus brasileiros não podem ficar alheios à realidade em que estão inseridos. Com este pensamento, o ICOM Brasil lança a campanha #MuseusPelaVida, no intuito de mobilizar as instituições museais para defender ativamente a causa da prevenção e da imunização, prestando, dessa forma, um serviço relevante para suas comunidades (ICOM, 2021, s.p.).

Para incentivar a adesão dos museus, o ICOM BR disponibilizou em sua página um guia com recomendações de diferentes modos de abordagem sobre o tema (Figura 1), além de indicação de conteúdos e as logomarcas da campanha. “A ideia é que os museus ajudem a disseminar em seus canais digitais conteúdos de estímulo à vacina e à adoção das práticas de prevenção à Covid-19” (ICOM BR, 2021, s.p.).

Figura 1 - Recomendações ICOM: #MuseusPelaVida



Fonte: Autores (adaptado do Guia do ICOM, 2021)

Entendemos essa iniciativa do ICOM como modos de insurgir e se rebelar (em termos ético-estético-políticos) contra as políticas de fazer-deixar morrer operacionalizadas diariamente. Insurgir aqui é complexificar o alvo a ser combatido no universo da micro/macropolítica (ROLNIK, 2018), de sermos capazes de nos rebelarmos contra as violências que cercam nossos corpos, de alcançarmos novos horizontes e de introduzirmos estratégias de insubordinação.

Observamos que as recomendações do guia nos remetem a alguns dos indicadores da Educação Museal Online (EMO)[1] (AUTORA). A saber:

Traga os rastros de situações/questões cotidianas para “fazer pontes” com os temas vinculados ao seu museu e, assim, gerar conversas;
Use múltiplas linguagens, mídias e gêneros textuais da cibercultura (e.g. vídeos, memes, jogos, storytelling etc.) como disparadores de conversas e criação coletiva de conhecimento.
Explore os recursos online do seu museu (e.g. acervos, exposições, “tours” online, etc.) para fomentar a participação ativa e coautoral dos seguidores, e explorar situações que gerem curiosidade e perguntas.

Com base no guia, objetivamos compreender de que modo as recomendações para a campanha **#MuseuPelaVida** vêm sendo operacionalizadas nas redes pelos museus. Para tal optamos pelos estudos pós-estruturalistas e a cartografia *online* para pensar-produzir esta pesquisa.

A cartografia, de acordo com Deleuze e Guattari (1995), é vista como um mapa aberto, “conectável em todas as suas dimensões [...] Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). É vista ainda como “um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo” (DELEUZE, 1992, p. 47). As linhas cartográficas são (re)delineadas de acordo com as rotas, caminhos, movimentações, percursos que o/a pesquisador/a toma no ato de agenciar um determinado fluxo de produção de conhecimento (científico). Traçamos como linhas cartográficas de entrada de problematização os fluxos informacionais da hashtag **#MuseusPelaVida** pelo Instagram (ações de comunicação museal em/na rede), durante o período de 10 março de 2021 a 31 de maio de 2021. Cabe ressaltar que consideramos o Instagram um espaço multirreferencial de aprendizagem, uma vez que possibilita que conhecimentos sejam “[...] produzidos, partilhados, compreendidos, internalizados para a construção da subjetividade” (BRUNHAM, 2012, p. 117) em/na rede.

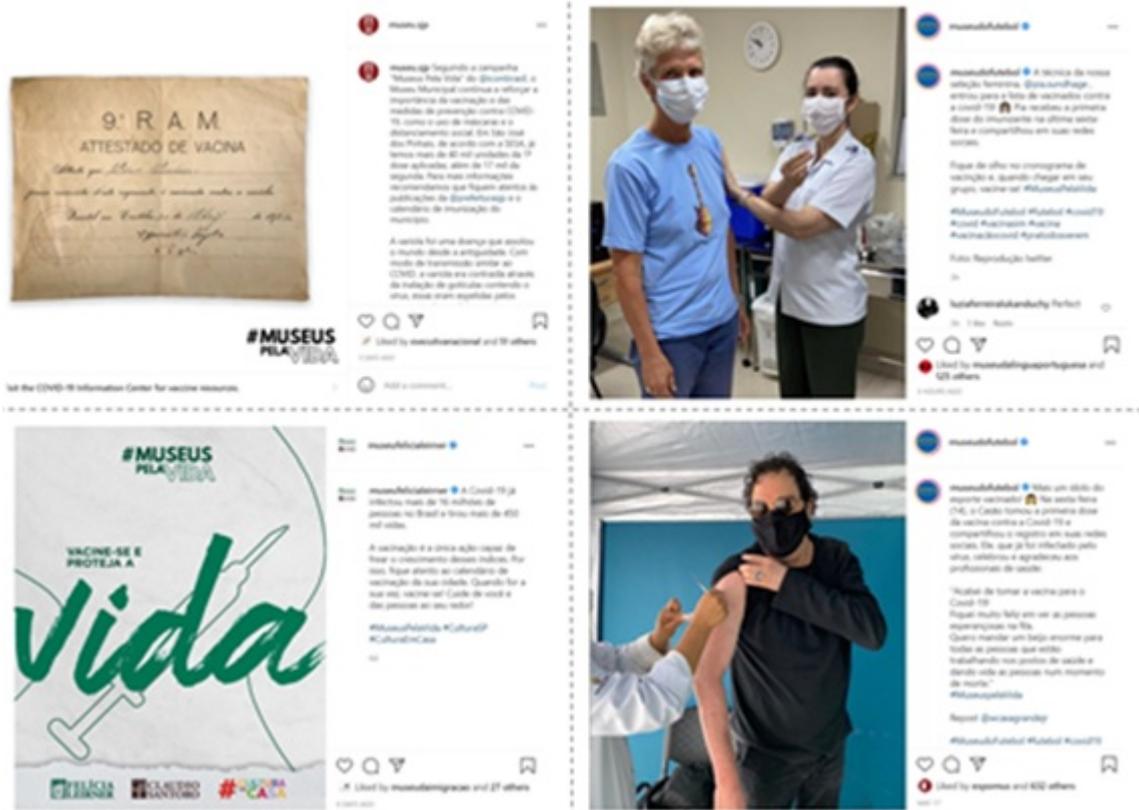
Operamos com as ferramentas conceituais Foucaultianas de discurso e enunciado para cartografar os sentidos produzidos nas linhas traçadas. O discurso é constituído por um conjunto de enunciados, ele “não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto de desejo” (FOUCAULT, 2013, p. 10). Em nossa sociedade, a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2013, p. 8-9).

Já o enunciado é compreendido não somente como se faz pela análise da linguística (proposição) ou gramatical (frase), mas também do ponto de vista de sua condição de existência a partir de determinadas formulações. O enunciado não se reporta a um âmbito fundador, mas sim a outros enunciados com os quais estabelece correlações, conexões, rupturas e exclusões. Ele é visto “como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; um átomo do discurso” (FOUCAULT, 2008, p. 90).

Pelo Instagram, cartografamos 432 publicações com a hashtag **#MuseusPelaVida**. No processo de produção de nossas análises, encontramos múltiplas enunciações compartilhadas por redes museais que dão sentido, principalmente, a fragmentos de discursos voltados à vacinação (Figura 2), conforme publicado pelo “Museu Municipal Atilio Rocco”, “Museu do Futebol” (com a técnica da seleção feminina Pia Sundhage e o ex-jogador da seleção masculina Casagrande) e “Museu Felícia Leirner”; ao uso de máscara (Figura 3), como expostos pelos “Acervo dos Palácios do Governo de São Paulo”, “Museu de Arqueologia e Etnologia da USP”, “Museu Biológico do Instituto Butantan” e “Museu do Ipiranga”; e ao distanciamento físico (Figura 4), divulgados pelo “Acervo dos Palácios do Governo de São

Paulo”, “Museu Carlos Costa Pinto”, “Casa da Marquesa de Santos - Museu da Moda Brasileira” e “Expomus”.

Figura 2 - Vacinação



Fonte: Autores

Figura 3 - Uso de máscaras



Fonte: Autores

Figura 4 - Memes sobre o distanciamento físico



Fonte: Autores

As publicações cartografadas (ações de comunicação museal em/na rede) vão ao encontro das recomendações propostas pelo ICOM BR (2021), pois destacam a importância das medidas de prevenção (máscara e distanciamento físico), fazem o uso de memes para engajar os usuários, estabelecem conexão entre o acervo do museu ao momento que estamos vivendo, fazem a divulgação de pessoas famosas sendo vacinadas e o têm o cuidado de compartilhar conteúdos de fontes confiáveis.

As ações também nos ajudam a reforçar o nosso entendimento sobre o museu como

“redes educativas” (ALVES, 2012) e “espaços multirreferenciais de aprendizagem” (BURNHAM, 2012). Portanto, consideramos que, para além de ações de comunicação, as ações cartografadas são ações educativas que estão alinhadas a alguns indicadores da Educação Museal Online, sobretudo ao trazerem situações/questões cotidianas (pandemia) para “fazer pontes” com os temas vinculados ao museu e ao uso de linguagens, mídias e gêneros textuais emergentes das práticas ciberculturais. Todavia, notamos que em muitas das ações não foram produzidas conversas genuínas dos museus com os usuários *online*, somente comentários pontuais, sem interatividade, isto é, com pouca conversação e adesão a criação coletiva de conhecimento. Notamos também que foram explorados diferentes recursos *online*, porém não foi fomentada a participação ativa e coautorial dos seguidores, e as ações quase não geraram curiosidades e questionamentos.

Essas ações também se constituem como ciberinsurgentes, disparadas-praticadas a partir dos efeitos das violências do descaso da crise sanitária da Covid-19 com a população brasileira, potencializando várias maneiras de combatê-los (esses efeitos). “É nessa experiência que despontam as insurgências na cena social, performatizando novas estratégias em função dos problemas singulares que as deflagram” (ROLNIK, 2018, p. 102).

Ao cartografarmos as ações museais *online*, notamos que há entre elas **aproximações** - campanha pela promoção da vida, cuidado de si, com o outro e com a saúde coletiva, e promoção de redes solidárias; **distanciamentos** - museus localizados em espaços-tempos distintos, postagens de acordo com os contextos onde se situam os museus, acervos diversos e diferentes tipologias museais; **potencialidades** - atingir o maior número de cidadãos/ãs, informar e educar a sociedade, publicações em sintonia com as vivências do presente: pandemia da Covid-19; **despontecialidades** - utilização das redes sociais como mídia de massa, não fomentar a autoria e a colaboração para a produção do conhecimento em/na rede, a esposa do Zé Gotinha sem máscaras visitando um museu, abertura de determinados museus durante a pandemia; e **desdobramentos na sociedade** - ratificar a importância das medidas sanitárias, produzir processos formacionais na/em rede, disparar reflexões sobre o nosso cenário, informar sobre o calendário de vacinação.

Concluimos esta cartografia *online* destacando a importância da Educação Museal para a “formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la” (COSTA et al., 2018, p. 74) e enfatizando o necessário estreitamento da relação entre as características *sociotécnicas* da contemporaneidade e o campo dos museus. Sugerimos, deste modo, que as futuras ações online da campanha **#MuseusPelaVida** ultrapassem o modelo comunicacional massivo e lancem mão das premissas e indicadores da Educação Museal Online para a participação ativa dos usuários por meio de conversações que fomentem a colaboração e a (co)autoria entre os museus e seus públicos, ampliando, desta forma, o alcance social e a democratização dessas instituições.

Referências

ALVES, Nilda. Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas. **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, nº XVI, Campinas, 2012. Anais, Campinas, ENDIPE, v. 1, 2012, p. 26-38.

BURNHAM, Teresinha Fróes. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem**: currículo, educação a distância e Gestão/Difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2012.

CECA BR; REM BR. Carta Aberta aos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da

Pandemia de COVID-19 na educação museal no Brasil. ICOM Brasil, 2020. Disponível em: . Acesso em: 29 maio 2021.

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Mila e SOARES, Ozias. Educação Museal. In: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

DELEUZE, Guilles. 1992. **Conversações**. Tradução de Peter Pal Pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, 23ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2013.

IBERMUSEUS. O que os museus necessitam em tempos de distanciamento físico. Resultados da pesquisa sobre o impacto do COVID-19 nos museus ibero-americanos. Relatório de impacto da pandemia e repositório COVID-19 para os museus, julho, 2020. Disponível em: <http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/07/informecovid-vf.pdf> Acesso: 29 maio 2021.

ICOM (Comitê Internacional de Museus). Museums, museum professionals and COVID-19: survey results. ICOM, COVID-19, maio 2020. Disponível em: . Acesso em: 29 maio 2021.

ICOM (Comitê Internacional de Museus). **#MuseusPelaVida**. 2021. Disponível em: <http://www.icom.org.br/?p=2341>. Acesso em: 29 maio 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolíticas. **Arte & Ensaios/Revista do ppgav/eba/ufrrj**, n. 32, dezembro, 2016.

MÖRSCH, Carmen; GRAHAM, Janna. Open Letter to Museums and Galleries in support of education and other essential workers. Google Docs, 2020. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/11z1wwu3meYdLeYozGI OCzoExpK-DiH0DmkrXn5qr4/viewform?edit_requested=true. Acesso em: 29 maio 2021.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

UNESCO. Museums around the World in the face of COVID-19. UNESDOC Digital Library, maio 2020. Disponível em: . Acesso em: 29 maio 2021.

[1] A EMO é um conceito e abordagem didático-pedagógica de se fazer-pensar a Educação Museal (COSTA et al., 2018) na/com a cibercultura.